

O Segredo da Rocha

Arsénio Mota

ilustrações
Emerenciano



CAMPO DAS LETRAS

O Segredo da Rocha

bibRIA

Algumas obras do autor:

- Som de Origem* - Arte d'escrita, Livros Horizonte, Lisboa, 1985.
A Última Aposta, contos, Livros Horizonte, Lisboa, 1987.
Artistas ao Norte, Porto Editora, 1989.
Júlio Resende - A Arte Como/Vida, Liv^a Civilização, Porto, 1989 (org. e co-autor).
Letras Bairradinas, - Antologia, ed. AJEB, Anadia, 1990.
Estudos Regionais (Sobre a Bairrada), Liv^a Figueirinhas, Porto, 1993.
O Museu no Sótão, crónicas, Liv^a Figueirinhas, Porto, 1993.
António de Cértima - Vida, Obra, Inéditos, Liv^a Figueirinhas, Porto, 1994.

Contos para crianças:

- Os Segredos do Subterrâneo*, Prémio Internacional da Juventude, Editorial Caminho, Lisboa, 1986; 2^a ed., 1995.
Histórias com Historinha Dentro, ilust. Júlio Resende, Liv^a Figueirinhas, Porto, 1986.
A Roda Que Saiu dos Eixos, ilust. Luísa Brandão, Edições Asa, Porto, 1987; 2^a ed., 1994.
A Sopa das Nove Letras, ilust. Emerenciano, Porto Editora, 1988.
Tenho uma Ideia, ilust. Júlio Resende, Porto Editora, 1989.
A Nuvem Cor-de-Rosa, ilust. Júlio Resende, Edições Asa, Porto, 1989; 2^a ed. 1993.

bibRIA

Título: O Segredo da Rocha
Autor: Arsénio Mota
Ilustrações: Emerenciano
Direcção gráfica e capa: Loja das Ideias

© CAMPO DAS LETRAS – Editores, S.A. – Porto, 1996
Rua D. Manuel II, 33, 5º 4050 Porto
© Arsénio Mota
1ª edição - Novembro de 1996
Impressão: Companhia Editora do Minho

Depósito legal Nº 105462/96
ISBN 972-8146-95-7
Código de barras: 9789728146955

Colecção: Tapete Voador - 2

O Segredo da Rocha

texto
Arsénio Mota

ilustrações
Emerenciano

bibRIA



bibRIA

O Tiago deixa sinais suficientes para que não me desvie do seu caminho. É fácil seguir-lhe o rasto. Reparo: aqui colocou três pauzinhos dispostos em seta apontando na direcção exacta; ali, porque não era fácil arranjar paus, o meu amigo quebrou a haste de um arbusto, que ficou a apontar como um braço verde meio caído para onde ele seguiu; acolá, porque não havia paus nem arbustos (só se vê cascalho e terra dura por onde correm formigões negros), Tiago esforçou-se por deixar uns passos impressos no chão para indicar o rumo que tomou, calçando os seus ténis inconfundíveis.

Faz-me gostar da brincadeira. Tem aventura!

Quer dizer, este jogo obriga-me a abrir os olhos, a prestar atenção, a pensar. Mas...

E se eu me perdesse por estes montes desertos?

Ora! O meu amigo tem cuidado: onde percebe que posso desorientar-me, deixa marcas. Nítidas e visíveis, metem-se-me pelos olhos. Eu até preferia que fossem mais discretas!

Porém, quando os intervalos dos sinais se tornam grandes, fico em dúvidas. Vou pelo bom caminho? Ou estarei a perder-me?

As dúvidas afligem-me. Nestes momentos de inquietação é que o «Stop» ajuda: salta à minha frente, de rabo alçado, e fica à minha espera, a olhar para trás, convidando-me a acompanhá-lo sem receio. É outro guia que eu tenho, e dos melhores. Pois cá vou indo!

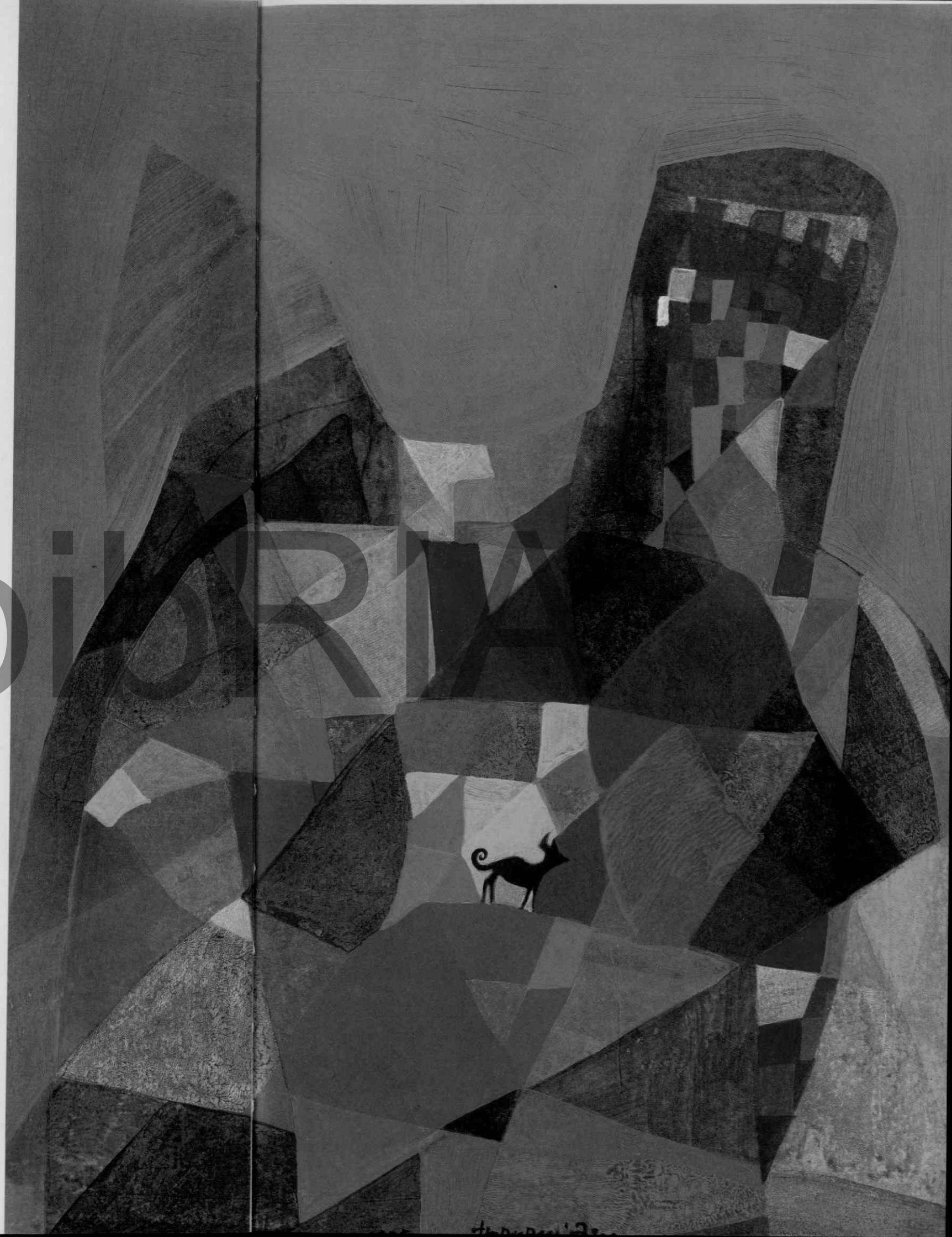
O Tiago conhece estes descampados e o «Stop», farejando o ar ou metendo o focinho nas moitas, conhece-o melhor que ninguém. Por isso o meu amigo mandou o cão acompanhar-me no passeio que é brincadeira e aventura.

Portanto, atravessar montes desconhecidos, sozinho com o canzarrão (gosto desta palavra: dá-me logo a ideia do cão grandalhão e amigalhaço, como é o «Stop»), acaba por ser o melhor da festa. E a festa maior, reparem, é eu ter vindo passar uns dias de férias com o Tiago, quer dizer, com o seu cão, os seus parentes e a aldeia também.

Já nem consigo avistar o pico da torre dos sinos, escondida pelos montes que trepei. À distância só distingo agora umas casas isoladas, que desaparecem por detrás de outros montes, e nem chego a saber para que lado ficam. Estou sem norte. Mas, mesmo sem saber onde estou, sei para onde vou...

Passeio bem bonito, sim senhor, e aventura saborosa, isto de ir atrás do meu amigo sem o ver nem dele me perder.

Quando eu era mais pequeno, andei um pouco assustado com a ideia de poder ficar sozinho no mundo ou de perder o afecto dos meus pais e de toda a gente. Depois desapareceu este medo infantil e hoje, felizmente, acredito que não me perco de ninguém: não me perco do meu amigo nem ele

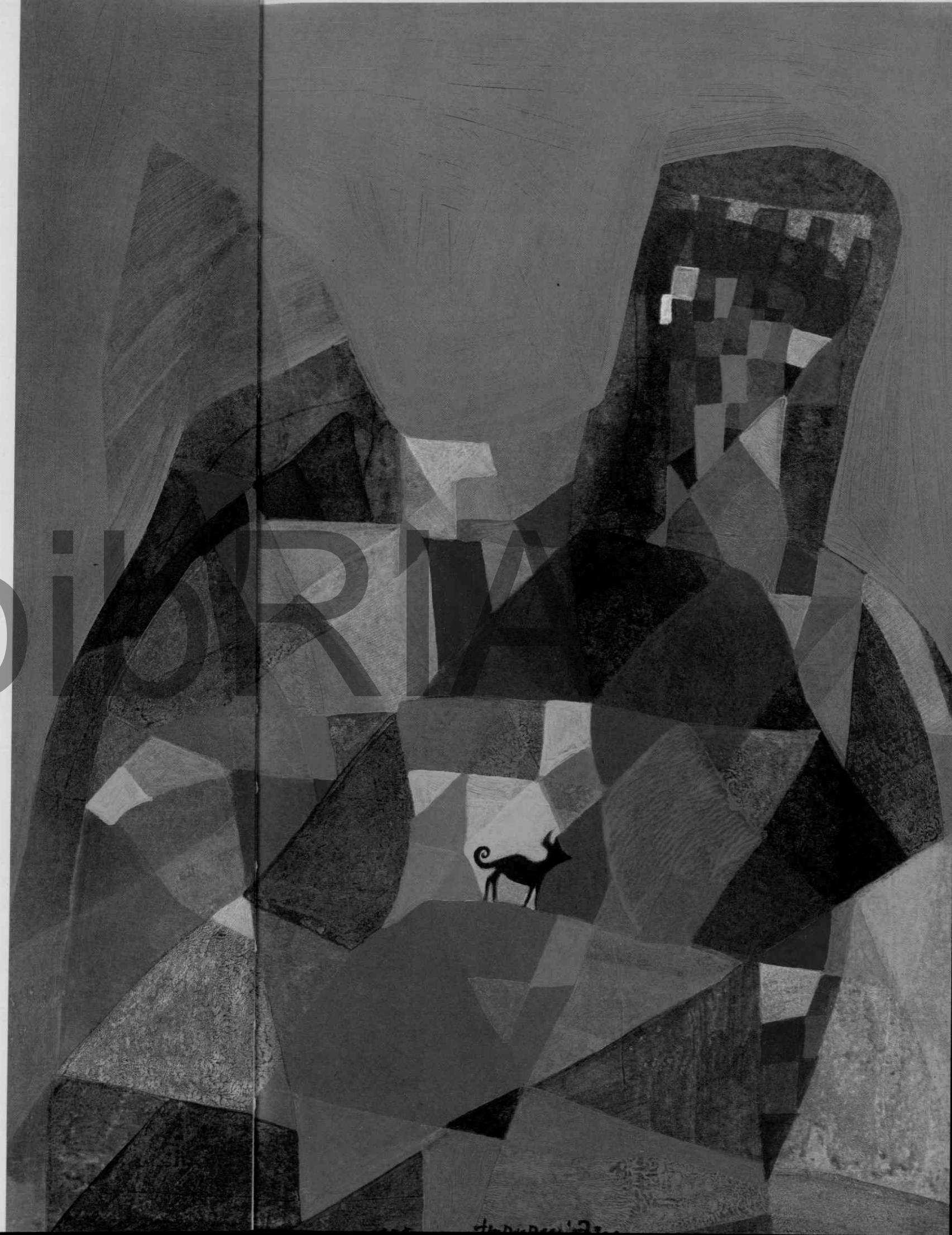


Portanto, atravessar montes desconhecidos, sozinho com o canzarrão (gosto desta palavra: dá-me logo a ideia do cão grandalhão e amigalhaço, como é o «Stop»), acaba por ser o melhor da festa. E a festa maior, reparem, é eu ter vindo passar uns dias de férias com o Tiago, quer dizer, com o seu cão, os seus parentes e a aldeia também.

Já nem consigo avistar o pico da torre dos sinos, escondida pelos montes que trepei. À distância só distingo agora umas casas isoladas, que desaparecem por detrás de outros montes, e nem chego a saber para que lado ficam. Estou sem norte. Mas, mesmo sem saber onde estou, sei para onde vou...

Passeio bem bonito, sim senhor, e aventura saborosa, isto de ir atrás do meu amigo sem o ver nem dele me perder.

Quando eu era mais pequeno, andei um pouco assustado com a ideia de poder ficar sozinho no mundo ou de perder o afecto dos meus pais e de toda a gente. Depois desapareceu este medo infantil e hoje, felizmente, acredito que não me perco de ninguém: não me perco do meu amigo nem ele



se perde de mim. Separados, continuamos ligados por fios invisíveis que o «Stop» decerto bem compreende.

Foi Tiago que me propôs:

– Vamos a Castelo de Rei? Vamos? Então fazemos assim: em vez de irmos juntos, eu vou à frente e encontramos-nos depois lá. Não conheces o sítio mas o «Stop» acompanha-te. Nem um burro consegue perder-se pelo caminho, quanto mais um inteligentinho como tu!

Nem um burro se perde? Pois eu não quero ser menos do que o burro de um burro!

Enfim, livro-me de todas as dúvidas e começo a apreciar o que vejo: pinhais e souts entre penedias amontoadas.

Gosto do som do vento a vibrar no silêncio. É um som (quem diria?) que tem eco dentro de mim.

bibRIA



Subo encostas e desço vales fundos por pequenos trilhos ladeados por canaviais, e sorrio apreciando as manhas do meu amigo. Eu sei, Tiago frequentou acampamentos de escuteiros e, pelos vistos, aprendeu umas coisas.

Uma vez julguei ouvi-lo a fungar, divertido, por detrás das moitas, a dois passos de mim. Agarrei numa pedra, fiz pontaria e disparei. Tiago não me caçaria, eu é que ia caçá-lo!

Arrependi-me logo. Ele não estava lá escondido e, se estivesse, poderia tê-lo magoado seriamente.

Agora penso melhor. Algum rumor breve que oiço será uma lebre a fugir da toca ou uma perdiz a levantar voo. O «Stop», que talvez seja cão de caça, arrebita a orelha, estranhando que eu não queira caçar. E se o Tiago estivesse perto, o seu cão correria imediatamente para ele, ladrando de alegria.

No céu azul voam asas lentas muito abertas. Pairam. Serão milhafres, águias?

Rente ao chão encontro borboletas leves como o vento e coloridas como o arco-íris.

No sulco verdejante de um vale vêem-se as ruínas de uma azenha antiga: o telhado está podre e meio caído, a roda imóvel e carcomida. O caudal de água, outrora talvez grosso, é agora um fiozinho sonolento.

Ah, como eu gosto disto!

Sim, gosto desta região despovoada, deste ar seco, destes caminhos de cabras!

E o som do vento faz-me vibrar misteriosamente as entranhas.

Tiago compartilha comigo a sorte de ter avós a morar nesta região e eu estou-lhe grato por isso. Descubro tantas belezas por aqui!

E descobro outra coisa. Vou escrever aos meus pais a dizer-lhes esta minha opinião: pais e filhos deviam ter uma fatiazinha de férias separadas todos

os anos. Pois se até o Tiago agora me faz bem ao deixar-me sozinho, entregue à minha própria responsabilidade para que não me perca!

Mas já estou a sentir-me fatigado e o «Stop», de boca aberta, arfa como eu: monte acima e monte abaixo, não se cansou menos. Devemos ter percorrido uns quilómetros desde que saímos da aldeia e, além disso, atravessar montes que são montanha russa, rolando como iô-iôs para cima e para baixo, cansa mais as pernas do que caminhar pelos passeios da cidade ainda que estejam feridos de buracos.

– O melhor será pararmos um pouco quando chegarmos lá acima – prometo eu, em voz alta, ao cão. E o «Stop», abanando o rabo numa festa, compreende-me:

– ão, ão! – responde. Os latidos espalham-se na atmosfera serena como duas vigorosas detonações, alegres como foguetes, e eu fico a rebentar de contentamento. Que companheiro!

Por fim, descanso numa pedra aquecida pelo sol e passo a mão pela cabeça do «Stop» a deitar-se-me aos pés:

– Isto é um passeio de arramba, não achas?



os anos. Pois se até o Tiago agora me faz bem ao deixar-me sozinho, entregue à minha própria responsabilidade para que não me perca!

Mas já estou a sentir-me fatigado e o «Stop», de boca aberta, arfa como eu: monte acima e monte abaixo, não se cansou menos. Devemos ter percorrido uns quilómetros desde que saímos da aldeia e, além disso, atravessar montes que são montanha russa, rolando como iô-iôs para cima e para baixo, cansa mais as pernas do que caminhar pelos passeios da cidade ainda que estejam feridos de buracos.

– O melhor será pararmos um pouco quando chegarmos lá acima – prometo eu, em voz alta, ao cão. E o «Stop», abanando o rabo numa festa, compreende-me:

– ão, ão! – responde. Os latidos espalham-se na atmosfera serena como duas vigorosas detonações, alegres como foguetes, e eu fico a rebentar de contentamento. Que companheiro!

Por fim, descanso numa pedra aquecida pelo sol e passo a mão pela cabeça do «Stop» a deitar-se-me aos pés:

– Isto é um passeio de arramba, não achas?



O cão olha-me com expressão tão inteligente que me comove. É da melhor linguagem esta: sem palavras...

Gostava tanto de ter um animal assim forte, e afeiçoado, e compreensivo, carinhoso... Mas, na cidade, como é possível?

Na cidade, diz meu pai, os cães sofrem. Falta espaço nas casas e as ruas, que eles sujam, já são pequenas para carros e pessoas.

Aliás, o «Stop» também aqui conhece privações. Neste momento agradeceria com certeza um osso carnudo e eu, cá por mim, também comia algum bocado. Um bom passeio abre-nos o apetite, faz-nos sonhar até com o cheiro do pão quente barrado de manteiga...

Lembro-me que podia cantar para me distrair da merenda que tarda, pois nada trouxe comigo para trincar. Canto:

*Na mesa
Um torreão
De pão
– Que beleza!*

É uma cantiga que eu, os meus irmãos e os amigos da brincadeira inventámos e que nos divertiu imenso em certas ocasiões, antigamente. Mas já não me lembro do resto...



O cão olha-me com expressão tão inteligente que me comove. É da melhor linguagem esta: sem palavras...

Gostava tanto de ter um animal assim forte, e afeiçoado, e compreensivo, carinhoso... Mas, na cidade, como é possível?

Na cidade, diz meu pai, os cães sofrem. Falta espaço nas casas e as ruas, que eles sujam, já são pequenas para carros e pessoas.

Aliás, o «Stop» também aqui conhece privações. Neste momento agradeceria com certeza um osso carnudo e eu, cá por mim, também comia algum bocado. Um bom passeio abre-nos o apetite, faz-nos sonhar até com o cheiro do pão quente barrado de manteiga...

Lembro-me que podia cantar para me distrair da merenda que tarda, pois nada trouxe comigo para trincar. Canto:

*Na mesa
Um torreão
De pão
– Que beleza!*

É uma cantiga que eu, os meus irmãos e os amigos da brincadeira inventámos e que nos divertiu imenso em certas ocasiões, antigamente. Mas já não me lembro do resto...



Agora estou longe de toda a gente, longe do mundo, mergulhado neste grande isolamento, e isso encanta-me.

Até me sinto longe do meu amigo e, no entanto, vou em busca dele!

Gosto de convivência, é certo. Gosto de animação, mas também gosto do contrário, da solidão e do repouso.

Por estes sítios, poucas pessoas passam. Só ervas bravias, cardos e árvores crestadas pelo vento medram entre as pedras. No Inverno, com certeza, estes sítios chegam a meter medo.

Nem os pastores cá devem vir, com os lobos e os javalis a correrem pela neve. E se eu aqui me encontrasse agora com um lobo? Não, isso está guardado para as últimas folhas do calendário que estamos a desfolhar...

– «Stop»! – chamo.

Mas o cão ladra perto, é ele que chama por mim.

Corro pelo trilho e vejo-o erguido nas patas traseiras. O animal tenta alcançar um papel enfiado no ramo de um espinheiro rodeado por tojo alto.

Papel tão branco, a oscilar à brisa, via-se à distância de um quilómetro, mas, apesar disso, Tiago colocara-o de tal maneira no meu caminho que até um míope o encontrava.

O cão também me chamava a atenção e, se não mo trazia à mão, era porque o tojo o impedia.

Outra ideia do Tiago! Que me queria ele comunicar?

Aquieto o cão aos saltos e sinto-me um felizardo a receber a carta no meio do deserto.

A raridade do caso deve ser enorme, mas a carta que o meu amigo me dirige pelo ramo do espinheiro, carteiro do monte, ainda me parece mais invulgar. É mesmo sensacional!

Tiago deve tê-la trazido escrita de casa, portanto já vinha de caso pensado, pois vejo a carta redigida com

tintas, cores e arranjo paciente em cima de uma mesa. Não é um bilhete escrito à pressa, cá fora, e até tem uma marca de pata do meu companheiro «Stop»!

Tiago manda-me uma carta criptografada (foi ele que me ensinou esta palavra: quer dizer que está escrita numa linguagem especial, compreensível só para quem a entenda). E tal como eu prescindo das palavras normais para me entender com o cão, assim o meu amigo quer prescindir delas para me comunicar... O quê?

Tenho na mão o papel desdobrado, indecifrável como o penedo em que me sento. Ao «Stop» devo parecer um mau aluno a turrar com a lição.

Aqui está o criptograma. Vejam se não é difícil:



Por fim, decifro os termos da carta. Acabo mesmo por os achar tão perceptíveis como os sinais que Tiago deixa ao longo do trajecto para me guiar.

Dizem mais ou menos isto:

«A *andar* (ou a *caminhar*, a *passar*) nesta *linha* pelos *montes*, por *brin-çadeira*, vamos em *direcção* ao *alvo*, que é *Castelo de Rei*, onde nos *encontraremos* com o «*Stop*». Mas atenção aos *sinos* (ou às *horas*, aos *atrasos*), porque o *Sol* põe-se e vem a *noite*.»

«Eu» é a assinatura do Tiago mal retratado, a rir-se para mim, o malandrete!

Pois bem, apressemo-nos:

– Anda daí, «*Stop*», vamos correr até *Castelo de Rei*. Tiago diz-me que há lá um castelo e eu nem sabia que uma construção dessas podia erguer-se nestes montes interiores. Vamos visitá-lo e regressar antes que se faça tarde.

Lá adiante, numa volta do caminho compridão, aparece o castelo sem se deixar ver.

Aparece sem se deixar ver? Eu explico.

A gente vai andando pelos montes e, de repente, aquilo que julgávamos que eram pedras amontoadas ao acaso num cimo vulgar, mostra-se na forma de uma construção antiga em ruínas.

A surpresa prega-nos ao chão.

Depois continuamos a caminhar, de olhos atentos. Damos a volta. Do outro lado, uma parede altíssima deixa-nos em admiração. Corta a escalada do monte de tal modo que nos obriga a rodeá-lo de novo para chegarmos perto do topo e entrarmos enfim no castelo.

Lá dentro vêem-se restos de outras paredes grossas, ameias, muros desmoronados, etc. E não há ninguém!

Cansado, deito-me numa sombra fresca das ameias, em cima de uma fofa camada de fetos. Uma flor cai-me na testa. No céu ainda pairam os milhafres, ou águias. Parece que me seguem.

«Stop», a arfar como eu, investiga pelos cantos.

Tudo aqui é surpreendente. A própria vista panorâmica impressiona pela grandeza: uma cordilheira de serranias envolve este lugar com as suas coroas azuis.

Quem poderia imaginar a existência de um castelo destes, abandonado perto da fronteira, no meio de montes desertos?

Quando ouvi falar de Castelo de Rei, pensei que era o nome de uma povoação. Mas aqui não se vê ninguém a morar.

Também admira a idade das pedras. O castelo deve ser antiquíssimo, tão antigo que ficou esquecido como se tivesse sido atirado para dentro de um poço fundo, fundo...

Deitado sobre as costas e de olhos fechados, a descansar um pouco, demoro-me a sonhar com esta maravilha. O Tiago virá interromper-me o descanso quando quiser aparecer.

Mas em breve reabro os olhos e,

MUITO DESCANSADO,

porque estou calmamente à espera do meu amigo, resolvo levantar-me para me oferecer uma visita mais cuidadosa ao local na companhia do fiel «Stop».

Não tarda, começo a imaginar como seria o aspecto da construção do castelo no tempo em que ele se erguia, orgulhoso e firme, com a bandeira a drapejar na torre, sobre o monte altaneiro, para vigiar os outros montes vizinhos. Reconstruo as paredes semi-destruídas, fecho a pesada porta de armas e, no pátio interior, vejo passar homens em grupo discutindo como sombras, em silêncio.

Uma placa de pedra, enegrecida pelos anos e quase toda coberta por musgos secos de muitos séculos, está caída por terra. Mal a vejo e, no entanto, desperta-me interesse.

Pego-lhe com cuidado, é uma relíquia. Tem letras alinhadas, que leio sem as ler.

Leio-as sem as ler? O melhor será esclarecer.

São palavras misteriosas que de certeza já ninguém consegue decifrar. Parecem familiares e no entanto pertencem a um dicionário incompreensível.

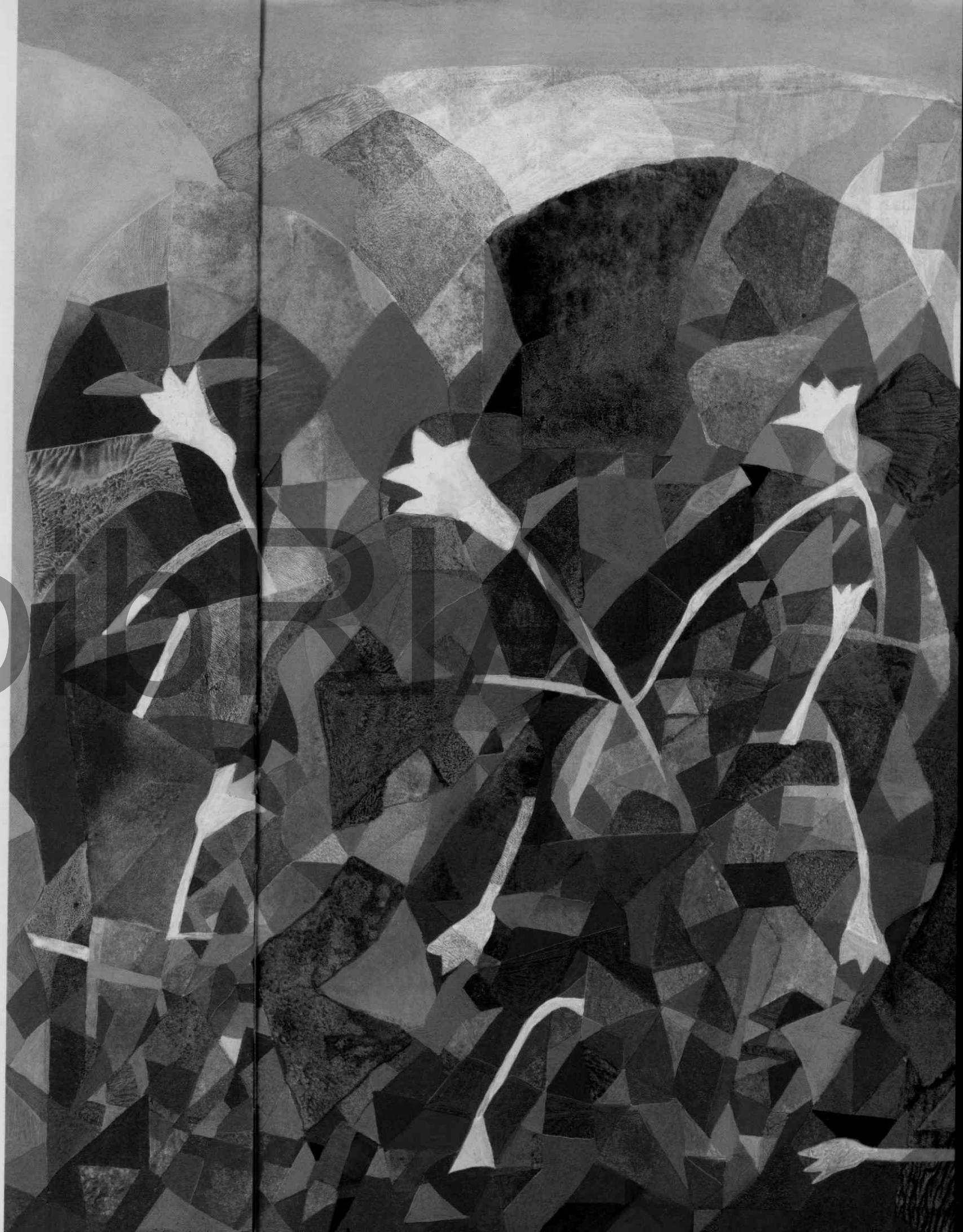
Copio-as exactamente:

«DE JARDINATAS NIGRAS,
PASIFESSA,
LUNI-ROSÁCEA LABIDANDO
ERÍDIA,
ERÍNEA, ERÍTIA, ERÓTIA,
ERÂNIA, EGÍDIA,
EURÍNOMA, AMBOLÓGERA,
DONLESSA.»*

Tanto pode ser uma poesia como uma prece, ou um mandamento importantíssimo, ou uma histórica despedida. Os dois últimos versos, pelo menos, são difíceis de pronunciar, como se fossem um exercício de trava-línguas para crianças gagas.

Realmente, não se sabe o que dizem tais palavras que parecem versos, pois são de uma língua muito velha já esquecida.

* Versos de Jorge de Sena, in «Amátia», Quatro Sonetos a Afrodite Anadiómene.



Pego-lhe com cuidado, é uma relíquia. Tem letras alinhadas, que leio sem as ler.

Leio-as sem as ler? O melhor será esclarecer.

São palavras misteriosas que de certeza já ninguém consegue decifrar. Parecem familiares e no entanto pertencem a um dicionário incompreensível.

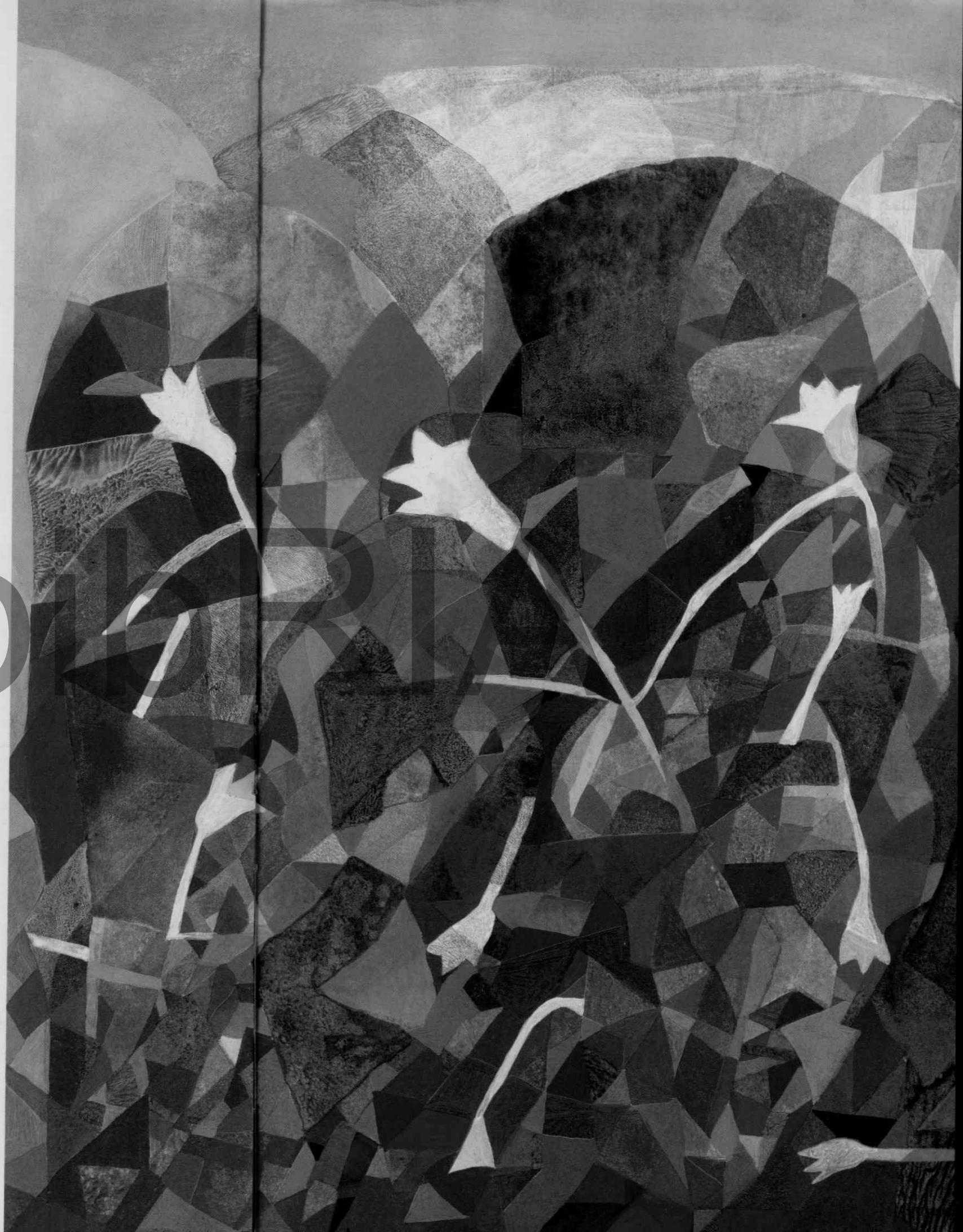
Copio-as exactamente:

«DE JARDINATAS NIGRAS,
PASIFESSA,
LUNI-ROSÁCEA LABIDANDO
ERÍDIA,
ERÍNEA, ERÍTIA, ERÓTIA,
ERÂNIA, EGÍDIA,
EURÍNOMA, AMBOLÓGERA,
DONLESSA.»*

Tanto pode ser uma poesia como uma prece, ou um mandamento importantíssimo, ou uma histórica despedida. Os dois últimos versos, pelo menos, são difíceis de pronunciar, como se fossem um exercício de trava-línguas para crianças gagas.

Realmente, não se sabe o que dizem tais palavras que parecem versos, pois são de uma língua muito velha já esquecida.

* Versos de Jorge de Sena, in «Amátia», Quatro Sonetos a Afrodite Anadiómene.



Mas eu estou a sentir-me diverso, capaz de entender os mistérios, e até me vem a ideia de que o castelo terá sido construído por um povo qualquer para guardar o segredo da placa, então preciosa, que se encontra agora tombada por terra, no meio do entulho e das silvas.

O castelo guarda ainda hoje um segredo que está por desvendar.

Com a terrível ambição de o quererem para si, muitas pessoas, de muitas gerações, terão cruzado as espadas e morrido sem glória, porque a placa está aqui e continua a guardar o seu segredo. Quem o conheceu foi senhor de um poder imenso, mas terá desaparecido há muito nos poços do esquecimento. Ora eu

SINTO-ME ILUMINADO

por uma inteligência extraordinária. E percebo: o segredo da placa não é perceptível para quem desembainha a espada e derrama sangue por ambição, apenas para quem limpa e ergue o sentimento, porque de coração limpo e erguido ao alto talvez alguém possa entender o que dizem os versos enigmáticos, versos (sei-o de repente) que são poesia e prece, e também mandamento e despedida de um povo para outro povo.

Reparo num alvéolo que está vazio na parede e resolvo colocar ali a placa. Ela encaixa perfeitamente, mas só preenche uma pequena parte do espaço, pelo que concluo que existiam mais placas com o texto agora incompleto. Imagino que poderão ter sido levadas por gente diferente, que as dispersou ao acaso ou as destruiu, longe, muito ignorante do seu real valor. Ou devem estar enterradas aqui perto, debaixo do entulho de tantos séculos, porque não as descubro. Gostaria de as procurar, cavando na terra,

só que não tenho ferramenta, enxada ou pá e, de qualquer modo, ainda que as encontrasse a todas, não seria capaz de as dispor na ordem certa.

Sinto-me, todavia, cada vez mais inspirado. Espero não sei o quê. O que poderá ser?

Uma estrela brilha agora no firmamento. Nunca brilhou assim à luz do dia.

Uma luz especial banha a placa que pus na parede e eu limpo-a à pressa, esfregando-a com as mangas. As impurezas acumuladas pelo tempo desfazem-se e soltam-se, a pedra fica a luzir. Reflecte a luz da estrela, um luar fino que, num feixe, aponta para um rochedo que sobressai, perto, como uma barriga pendurada na encosta, no exterior do castelo.

Observo então, no bojo do rochedo, uma espécie de remendo ou costura que o feixe ilumina. A rocha parece ter uma porta de pedra situada a meio do seu bojo e, vendo-a, qualquer coisa me faz pensar: talvez eu venha a ser o primeiro a abri-la!

Quem sabe? A porta abrir-se-á quando eu pronunciar as palavras que estão gravadas na placa à minha frente. Quer dizer, acredito numa sorte maravilhosa!

Serei pateta por acreditar? Estou sozinho, nada arriscarei se tentar a experiência...

Então, com voz rouca e comovida, mas alta e solemne, digo

AS PALAVRAS MÁGICAS

(apenas gaguejei um pouco ao dizer o último verso) e, com espanto e alegria, vejo entreabrir-se lentamente, muito lentamente, a porta do rochedo, iluminada por uma estrela distante que brilha como nunca.

A porta, mal entreaberta, fica altíssima no penedo alcantilado, mais ou menos à altura das ameias do castelo. E como eu não tenho asas nem guindaste, não posso aproximar-me!

Fico triste, a admirar de longe a nesga da entrada e a procurar ver o interior da rocha.

Tanta curiosidade enche-me de pena por não ser pássaro ou por não ter uma escada de bombeiros para chegar à porta do rochedo que tão dócil quis abrir-se para mim, como se fosse a minha verdadeira casa, embora continue à distância, inacessível aos meus passos.

Seria bom poder voar, mas... eis a surpresa!

– Oh!, oh! – exclamo, porque me sinto ir

NUM TRANSPORTE

suavemente levado pelo ar, do castelo até à entrada. O feixe de luz faz-me deslizar e eu escorrego no interior de um tubo que me parece de seda ou me faz mergulhar num sono mais profundo...

A porta apenas se entreabre e, para conseguir entrar, tenho que me desembaraçar de quase tudo o que possuo: coisas dos bolsos, o relógio de pulso com calculadora, alguma roupa desnecessária.

Faço-me ainda mais magro e pequeno e, por fim, passo pela fresta.

Vou avançando passo a passo por um corredor talhado



Fico triste, a admirar de longe a nesga da entrada e a procurar ver o interior da rocha.

Tanta curiosidade enche-me de pena por não ser pássaro ou por não ter uma escada de bombeiros para chegar à porta do rochedo que tão dócil quis abrir-se para mim, como se fosse a minha verdadeira casa, embora continue à distância, inacessível aos meus passos.

Seria bom poder voar, mas... eis a surpresa!

– Oh!, oh! – exclamo, porque me sinto ir

NUM TRANSPORTE

suavemente levado pelo ar, do castelo até à entrada. O feixe de luz faz-me deslizar e eu escorrego no interior de um tubo que me parece de seda ou me faz mergulhar num sono mais profundo...

A porta apenas se entreabre e, para conseguir entrar, tenho que me desembaraçar de quase tudo o que possuo: coisas dos bolsos, o relógio de pulso com calculadora, alguma roupa desnecessária.

Faço-me ainda mais magro e pequeno e, por fim, passo pela fresta.

Vou avançando passo a passo por um corredor talhado



na pedra viva. Logo adiante, o interior do rochedo abre-se. É um palácio deslumbrante onde se acumulam riquezas fantásticas, que faíscam iluminadas pelo luar do luar trazido comigo através da porta.

Cego-me em face de tanta maravilha. A opulência da riqueza transforma-se aqui na riqueza do conhecimento. Compreendo que este tesouro se conserva intacto porque não é feito de ouro e raras pedrarias, que facilmente mudam de dono, mas que sem dúvida valem mais que todo o dinheiro que pudermos juntar. Por isso o tesouro está adormecido no interior da rocha pesada e sólida como o mundo.

Penso: é tão difícil arcar com a riqueza verdadeira que nos contentamos com simples imitações. E se eu estou aqui, como visitante convidado, é porque se sabe que partilharei o segredo da rocha e que também não quero o tesouro guardado para mim.

bibRIA



O tesouro pertence a todos quantos tenham forma humana ou queiram sinceramente vir a tê-la.

Aliás, é esta a forma que o tesouro tem no interior do rochedo, com cabeça, tronco e membros, e tal forma lembra a geografia de um país por nascer ou de um continente por descobrir.

AGORA COMPREENDO!

É preciso que eu arranje maneira de distribuir o tesouro por todos, pois de contrário a riqueza perde-se e ela não pode minguar, tem de crescer constantemente, senão o segredo continuará guardado na rocha.

Protege-o um interdito que eu, sem saber como, vim quebrar. Irei ficar aqui prisioneiro do que sei? Não tenho medo! O segredo pertence a todos, creio eu. Mas, apesar disso, quando sair para o exterior, para a normalidade, sei que vou sentir-me parte do segredo da rocha. Para sempre!

A mim, com certeza, cabe apenas um pedacinho bonito como este que me atrevo a tirar do conjunto, pegando-lhe respeitosamente com a ponta de dois dedos.

A pedra brilha com um fulgor discreto embora deslumbrante. Suspeito já que o seu brilho admirável irá ficar embaciado fora deste local mágico e, todavia, não resisto. Aperto a pedrinha na mão com força, como se quisesse introduzi-la na minha carne. Vou levá-la comigo como recordação e, sobretudo, para mostrar ao Tiago e o convencer desta minha aventura...

Conseguirei ao menos convencer o «Stop»?

O cão lambe-me a mão – que aperta agora uma pedra sem brilho, vulgaríssima – e ladra com prazer. Estou de novo deitado no castelo à sombra das ameias, sobre os fetos floridos, mas já não tenho a flor na testa.

Vou escrever esta minha aventura, decido.

A voz do Tiago faz-se ouvir. Perto, num brado, chama:

– Eh! Estás aí?

Corro com o cão até à porta da muralha. Ergo o braço em saudação, o «Stop» ladra em festa rija.

– Pois onde devia estar? – estranho eu.

– Demoraste, fui a Castelo de Rei, à própria povoação. Lá disseram-me que podíamos regressar a casa no autocarro da carreira. Mas temos de ir já. Queres?

– Claro! – respondo-lhe; a ideia de voltar a pé não me seduzia nada.

Não quis prolongar a conversa. Tenho tanto para lhe contar que, se não começo já, rebento! Mas hesito: começarei pela história da pedra que trouxe comigo do ventre da rocha?

Não. O melhor será esperar e dar-lhe agora estas folhas a ler. Em cima delas coloco a «minha» pedra. Que ele acredite no meu conto, se quiser!

bibRIA

Como se escreve
a melhor História
do Mundo

bibRIA

bibRIA

Num país que fica do outro lado do mundo toda a gente anda triste porque lhe morreram os contadores de histórias. Não sobrou nem um! A gente conhece as histórias dos contadores antigos, algumas das quais são consideradas muito especialmente belas e encantadoras, mas essas não valem porque têm este grande defeito, já são conhecidas. Aquele país precisa de se divertir com novas histórias, cada vez mais belas, mais encantadoras, e no entanto não existe lá um único contador para as inventar porque a morte a todos levou.

Querendo sarar no país o mal da tristeza, o chefe daquele povo manda emissários às sete partidas do mundo, mas os seus emissários regressam, passado tempo, sem trazerem contador porque nenhum encontram disposto a ir para o país tão estranho que entristece sem novas histórias e, não sabendo viver sem elas, também não as sabe inventar, apenas as sabe repetir.

Por fim, é o chefe que parte em pessoa para percorrer as sete partidas do mundo com aquela difícil missão. Oferece um palácio e uma fortuna a quem aceitar o seu convite e mostrar talento suficiente, mas a ninguém convida. Aparecem-lhe muitos contadores, muitos, e ele não gosta das histórias que contam. Embora pareçam diferentes, no fundo as histórias são sempre iguais. Por vezes até são sem graça e aborrecidas, ou inconvenientes, porque os contadores não param embora não tenham nada de novo para contar, são verdadeiras máquinas falantes.



Cansado, o chefe convence-se de que não consegue encontrar um contador a seu gosto, por falta de sorte ou por qualquer outro motivo. Aqueles que os informadores lhe indicam como os melhores deixam-no insatisfeito. Estará a extinguir-se tal raça? – duvida o chefe.

Chega a uma terra onde o sol nasce e se põe no mesmo instante, parando o tempo, e onde um minuto pode durar uma semana, e ali, junto aos salgueiros de um rio, conhece um homem de brancos cabelos compridos muito curioso. Pergunta-lhe o velho:

– Dizes que és chefe de um país que fica do outro lado do mundo e que andas em busca do melhor contador, mas sabes ao menos o que vos faz ter necessidade de histórias belas e encantadoras sempre novas?

Esta pergunta atrapalha o chefe. No seu país todos acham tão natural aquela necessidade que ninguém quis saber alguma vez o que a causava. Ele, então, nem via como tal questão podia ser pensada, quanto mais resolvida!

Compreensivo, o velho admira-se com tanta ignorância. Olha com atenção para o forasteiro com os seus olhos



Cansado, o chefe convence-se de que não consegue encontrar um contador a seu gosto, por falta de sorte ou por qualquer outro motivo. Aqueles que os informadores lhe indicam como os melhores deixam-no insatisfeito. Estará a extinguir-se tal raça? – duvida o chefe.

Chega a uma terra onde o sol nasce e se põe no mesmo instante, parando o tempo, e onde um minuto pode durar uma semana, e ali, junto aos salgueiros de um rio, conhece um homem de brancos cabelos compridos muito curioso. Pergunta-lhe o velho:

– Dizes que és chefe de um país que fica do outro lado do mundo e que andas em busca do melhor contador, mas sabes ao menos o que vos faz ter necessidade de histórias belas e encantadoras sempre novas?

Esta pergunta atrapalha o chefe. No seu país todos acham tão natural aquela necessidade que ninguém quis saber alguma vez o que a causava. Ele, então, nem via como tal questão podia ser pensada, quanto mais resolvida!

Compreensivo, o velho admira-se com tanta ignorância. Olha com atenção para o forasteiro com os seus olhos

castanhos que antes pareciam azuis e convida-o amavelmente a sentar-se junto de si. Acrescenta:

– Portanto, também não sabes porque morreram todos os contadores de histórias no teu país...

– Temos os repetidores... – lembra o chefe.

– Não sabes porque morreram os contadores antigos? – insiste o velho.

– Não, não sei. Ninguém sabe – concorda o chefe, e o primeiro pêlo da sua barba negra aparece-lhe de repente no queixo a brilhar de brancura. – Apenas sei que o meu país já teve grandes contadores e que ficou sem nenhum.

– Fala-me dos melhores que já tiveram – pede-lhe o velho.

O chefe recorda os nomes de alguns contadores principais do seu país e até conta algumas das suas histórias que o maravilhavam. Fica espantado, quase incrédulo, quando o velho lhe responde:

– Eu conheço essas histórias. São bonitas, sim, mas, mais ou menos, todo o mundo as conhece!

O chefe fica pasmado. Depois de uma pausa, convida:

– Queres ser tu o nosso contador, velho sábio? Já me fizeste pensar três vezes no que para mim é completamente novo. Se vieres comigo para o meu país, dou-te um palácio e uma fortuna para que nos contes novas histórias belas e encantadoras! E também nos faças pensar...

Em resposta, o velho abana a mão como um leque diante da cara, talvez para sacudir o que podia estragar-lhe a serenidade. Diz:

– Sabes o que me ofereces, mas não sabes o que me pedes em troca... Pois bem, apesar de tudo, aceito! Vou contigo, ó chefe, mas não quero a tua fortuna e, de palácio, não aceito mais do que for preciso. No teu país já conhecem imensas histórias maravilhosas mas ainda não sabem, infelizmente, como elas se

inventam. Portanto, irei contar-vos uma única história porque não será preciso mais para dizer tudo quanto deve ser dito.

– É muita bondade a tua! – responde o chefe. – Eu e a gente do meu país te ficaremos gratos para sempre! E agora, podemos partir?

Vão a caminho quando o velho, poisando a mochila e ajeitando a pala do boné sobre os olhos, diz a olhar para longe:

– Pensando melhor, para vos ajudar, devo dar-vos na história o que vocês não pedem porque não sabem... Poderei tentar dizer-vos como se escreve a melhor história do mundo?

O chefe acena em muda concordância, mas ainda vai pasmado quando entra no seu país e é recebido com ruidosas aclamações de alegria.

Cumpre o prometido: instala o velho nos aposentos de um palácio e dá ordens para que nada lhe falte. O povo espera com ansiedade uma nova história que encante e ponha fim ao aborrecimento. Agora o chefe não tem dúvidas, o velho é, tanto como um sábio, um poeta. E já começa a admitir: talvez um sábio, para o ser de verdade, tenha de ser igualmente poeta...

O país está de olhos postos no velho, à espera da história que vai contar, enquanto ele, descontraído, passeia e conversa, faz amizades e novos conhecimentos.

Naquele país tudo funciona com regra e horário para trabalhar, comer, brincar, dormir. Se alguém lá chega e anuncia, por exemplo, que noutros países é possível trabalhar brincando ou brincar trabalhando, não acreditam. Não acreditam, por exemplo, que quanto mais uma coisa boa nos diverte, mais também nos ensina.

Um dia, o velho reúne a gente na Praça Maior e, com o chefe ao lado, lê ao país a história que tem para contar.

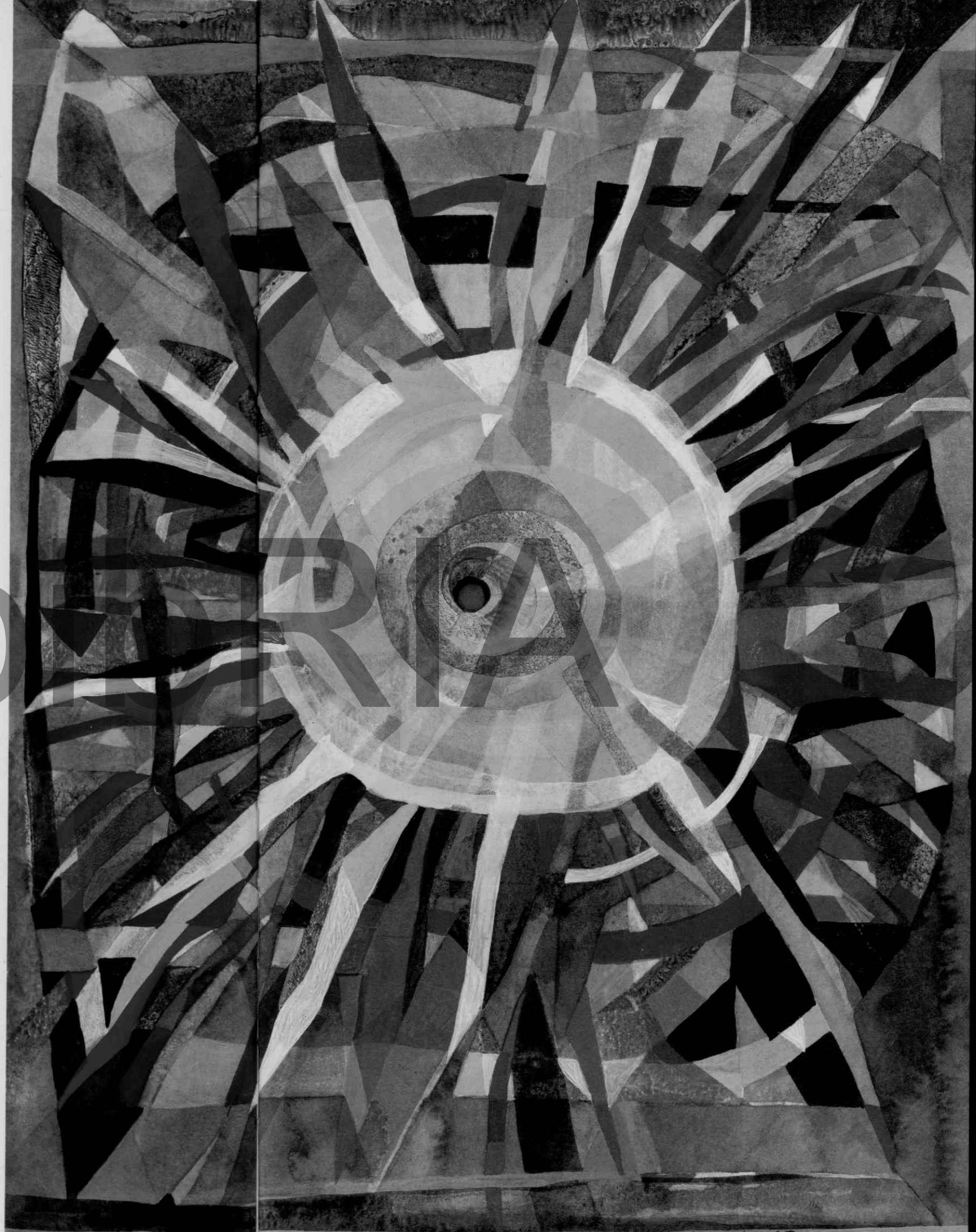
Quando termina o primeiro parágrafo e faz a primeira pausa, ouve-se na multidão um *oh!* de admiração.

Ninguém esperava que uma história pudesse começar assim.

Depois, a história continua a surpreender e a deliciar. Naquele país, a gente está habituada a ouvir histórias maravilhosas, até conhece muitas de cor, mas esta que o velho conta distingue-se de todas.

O velho começara por falar de uma coisa muito banal, parecia que nada de novo ia dizer e, de repente, acontecera uma transformação. Afinal as coisas mais familiares ainda não são muito desconhecidas; precisamos de boas histórias para ficarmos a conhecê-las melhor ou, pelo menos, para ficarmos a conhecer as nossas ignorâncias e podermos lutar contra elas.

Pais e filhos de todas as idades acompanham, silenciosos, o velho através da história que ele enche de imaginação, de muita graça e de maravilhosa poesia. E todos se sentem ir pelos ares, numa viagem encantada, até uma região alta antes inacessível.



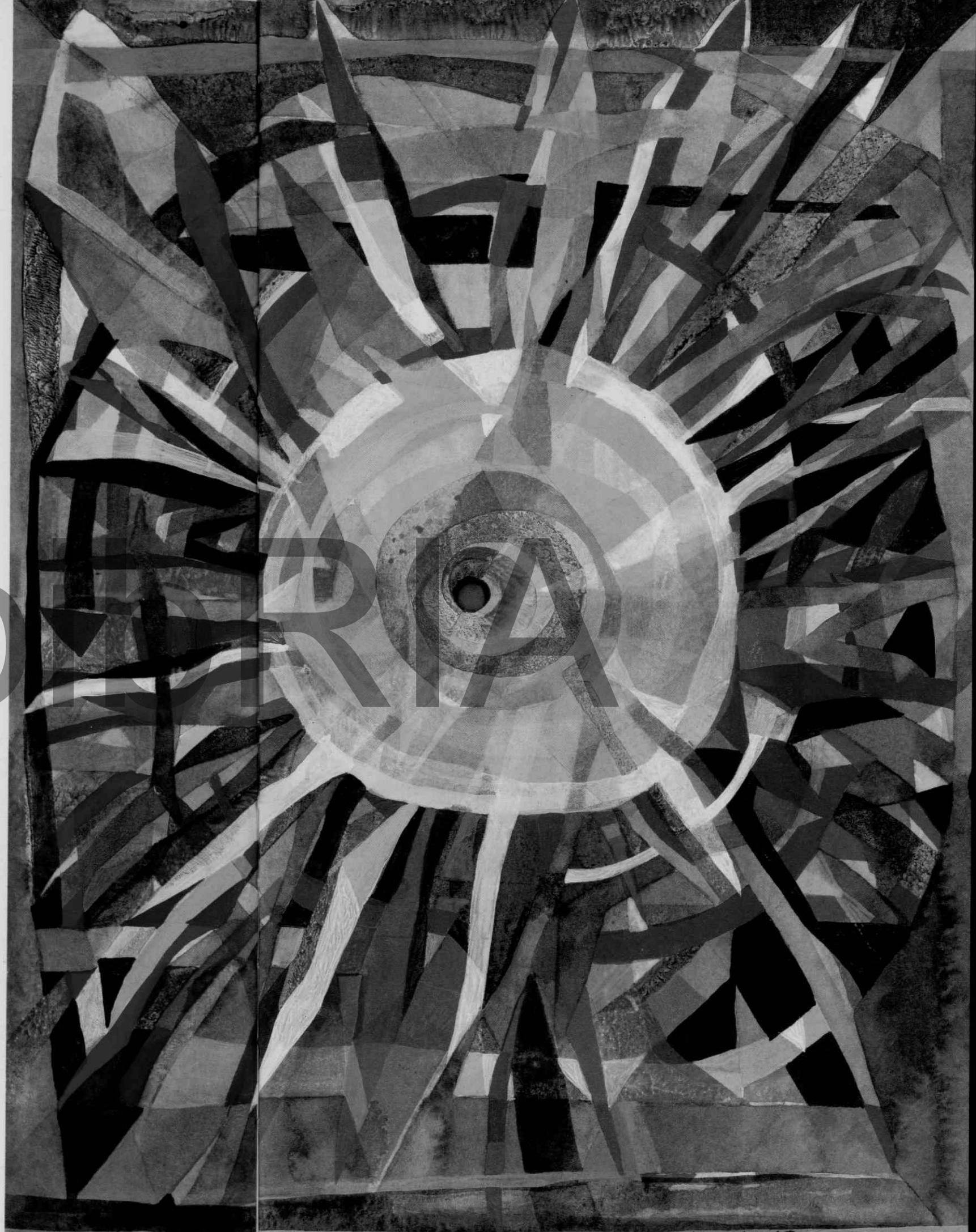
Quando termina o primeiro parágrafo e faz a primeira pausa, ouve-se na multidão um *oh!* de admiração.

Ninguém esperava que uma história pudesse começar assim.

Depois, a história continua a surpreender e a deliciar. Naquele país, a gente está habituada a ouvir histórias maravilhosas, até conhece muitas de cor, mas esta que o velho conta distingue-se de todas.

O velho começara por falar de uma coisa muito banal, parecia que nada de novo ia dizer e, de repente, acontecera uma transformação. Afinal as coisas mais familiares ainda não são muito desconhecidas; precisamos de boas histórias para ficarmos a conhecê-las melhor ou, pelo menos, para ficarmos a conhecer as nossas ignorâncias e podermos lutar contra elas.

Pais e filhos de todas as idades acompanham, silenciosos, o velho através da história que ele enche de imaginação, de muita graça e de maravilhosa poesia. E todos se sentem ir pelos ares, numa viagem encantada, até uma região alta antes inacessível.



O contador desenha a viagem a traço firme com um braço que está a nascer-lhe dentro da história. E é com a sua força, com a força desse braço, que ele, intrépido aventureiro, rasga um espaço novo onde antes nada havia, e esse espaço abre-se para todos como um belo miradoiro, a uma altura deslumbrante, que deixa tudo iluminado com a luz maravilhosa que acaba de nascer.

No fim, a gente vê o braço crescer, crescer mais, e tocar, num gesto certo, o ponto limite daquele espaço virtual aberto dentro da história. Salta um feixe de cintilações, derrama-se uma explosão de faúlhas como se um esmeril estivesse ali a fender uma chapa metálica, e todos ficam no encanto de quem vê muitos foguetes de lágrimas multicores a colorirem o céu escuro numa linda noite de São João, à beira-rio.

Que emoção!

Terminada a história, o velho, cansado e de olhar pálido, cobre a cabeça quase calva com o seu boné e entrega o escrito ao chefe, que tem agora no queixo todos os pêlos embranquecidos.

Uma a uma, as palavras da história parecem banais, mas, juntas daquela maneira feliz, envolvem-se de perfume e de música que vêm donde ninguém sabe e que todavia se deixam sentir.

Durante algum tempo, a gente do país comenta com gosto o gosto daquela história prodigiosa enquanto trabalha e se desloca, come e se diverte às horas da regra, porque ali ninguém se atreve ainda a acreditar que possam misturar-se ocupação e prazer.

O velho, agora mais velho, continua a fazer amizades e a passear pelo país. Sente que tocou num longe e que esse longe ficou mais perto, não para todos, lamentavelmente, apenas para alguns. O velho diz que poucas pessoas terão entendido bem o que ele quis dizer, mas essas poucas compreenderam

a história aprendendo a escrevê-la de um modo que a história, podendo ser escrita de mil maneiras diferentes, fica a valer como a melhor do mundo.

O chefe é uma dessas pessoas. Compreendeu tudo, mas está cada vez mais envelhecido e amigo do velho, ou seja, parecido com ele. Procura-o com frequência para conversar. Um dia confessa-lhe:

– Tinhas razão! Depois da história que nos contaste, não tive mais necessidade de outras. E dois amigos meus...

O velho, muito enfraquecido, ri-se debilmente, acenando com a cabeça como quem confirma o resultado de uma prova dos nove. Observa-lhe:

– Vocês compreenderam, eu sei. Mas à história falta o final do final e tens de ser tu, sozinho ou com os teus amigos, a escrevê-lo!...

– Quero renunciar aos meus cargos – diz o chefe.

– Já começas?!

Chegam outros amigos e a conversa, calmamente, prolonga-se pela tarde. Eles não precisam de mais histórias, agora que são perfeitamente capazes de as escreverem por completo, até ao fim do fim.

Na manhã seguinte, o pequeno grupo resolve partir do país em direcção à terra de origem do velho. Situa-se numa região onde o sol nasce e se põe no mesmo instante, parando o tempo, e onde um minuto pode durar uma semana, ou para sempre.



ÍNDICE

O segredo da rocha	5
Como se escreve a melhor história do mundo	27

bibRIA

Colecção *Tapete voador*

- 1 *A Corte na Aldeia*
Ilustrações de Armanda Passos
- 2 *O Segredo da Rocha*
Ilustrações de Emerenciano
- 3 *A Bandeira Escondida*
Colagens de Fernando Lanhas
- 4 *O Mistério da Floresta Mágica*
Ilustrações de António Modesto
- 5 *A Ilha das Bocas Abertas*
Ilustrações de Carlos Carreiro

bibRIA

A colecção «Tapete Voador» ficará completa com a publicação em breve de todos os volumes que a integram. Todavia, cada volume é perfeitamente autónomo.

Esta iniciativa especial resulta do interesse óbvio em aliar a melhor expressão e qualidade estética da Pintura à Literatura de autores portugueses «para crianças de todas as idades», acreditando assim nos gerais benefícios de uma verdadeira «educação pela Arte».

Comece já a sua Colecção «Tapete Voador»!

Nº de Registo:	<u>19767</u>	
Data Entrada:	<u>25/07/02</u>	
Cota:	<u>82-93 MOT</u>	
M.F.N.:	<u>12296</u>	

Outras edições CAMPO DAS LETRAS

Colecção Indiana Jones

Indiana Jones explora... O Antigo Egipto

de *John Malam*

Indiana Jones explora... Os Astecas

de *John Malam*

Colecção Vamos Viajar

Num Reino do Norte

de *Ana Saldanha*

e ilustrações de *Fernando Oliveira*

Umás Férias com Música

de *Ana Saldanha*

e ilustrações de *Fernando Oliveira*

A Caminho de Santiago

de *Ana Saldanha*

e ilustrações de *Fernando Oliveira*

Animais e C.^a

de *Ana Saldanha*

e ilustrações de *Fernando Oliveira*

Colecção Palmo e Meio

**O Senhor Ovo Gordo
e o Senhor Ovo Magro
e outras histórias**

de *Alberto Vilaça*

e ilustrações de *Joana Quental*

Cães, pedras, paus e gazelas

de *Eduardo Valente da Fonseca*

e ilustrações de *Armanda Duarte*

Ninguém dá prendas ao Pai Natal

de *Ana Saldanha*

e ilustrações de *Joana Quental*

Colecção O Sol e a Lua

Um roubo na véspera de Natal

de *Inácio Pignatelli*

A Bruxa, o Poeta e o Anjo

de *Mário Cláudio*

e ilustrações de *Alfredo Martins*

Colecção Crianças Famosas

Picasso

de *Tony Harth*

Mozart

de *Anne Rachin e Susan Hellard*

Fernando Pessoa

de *José Viale Moutinho*

Fora de Colecção

À Aventura com o Papagaio da Joni

de *Belinda Evans*

**A Prenda de Natal
do Henrique Semprespera**

de *John Burningham*

Dicionário do Pai Natal

de *Grégoire Solotareff*



Amigos:

Concordem comigo: um livro é uma coisa maravilhosa. Porquê? Porque ao lê-lo começamos logo a viajar, a conhecer gente, a correr mundo.

Abrimo-lo, e começa a aventura!

Eu comparo o Livro a um tapete voador, dos antigos, daqueles que eram mágicos: sentamo-nos em cima de um (quer dizer, entramos na leitura) e a viagem principia...

Cada viagem faz-nos sonhar.

Quem não gosta de sonhar e de ir pelo mundo fora?

O Livro é um brinquedo formidável!

Por isso proponho ao papá e à mamã, ao avozinho e à avozinha, ao padrinho e à madrinha isto que é fácil e é gostoso: puxem a criança para a vossa beira, coloquem-na quase à vossa altura (por exemplo, sentando-a no joelho) e leiam-lhe uma história. Se for preciso, expliquem-lhe o que for explicável.

Haverá para os grandes coisas maiores do que as coisas dos pequenos?

bibRIA

Assírio Mota

ISBN 972-8146-95-7



9 789728 146955